

DESLOCAMENTOS CULTURAIS

e suas formas de representação

Coleção
e expressão
Vol. 2



Tatiana da Silva Capaverde
Liliam Ramos da Silva
Organizadoras

Deslocamentos Culturais e suas formas de representação

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA - UFRR

REITOR

Jefferson Fernandes do Nascimento

VICE-REITOR

Américo Alves de Lyra Júnior

EDITORA DA UFRR

Diretor da EDUFRR

Cezário Paulino B. de Queiroz

CONSELHO EDITORIAL

Alexander Sibajev

Cássio Sanguini Sérgio

Edlauva Oliveira dos Santos

Guido Nunes Lopes

Gustavo Vargas Cohen

Lourival Novais Néto

Luis Felipe Paes de Almeida

Madalena V. M. do C. Borges

Marisa Barbosa Araújo

Rileuda de Sena Rebouças

Silvana Túlio Fortes

Teresa Cristina E. dos Anjos

Wagner da Silva Dias



Editora da Universidade Federal de Roraima
Campus do Paricarana - Av. Cap. Ene Garcez, 2413,
Aeroporto - CEP.: 69.310-000. Boa Vista - RR - Brasil
e-mail: editora@ufr.br / editoraufrr@gmail.com

Fone: + 55 95 3621 3111

A Editora da UFRR é filiada à:



UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA

Deslocamentos Culturais e suas formas de representação

Tatiana da Silva Capaverde

Liliam Ramos da Silva

Organizadores



EDUFRR
Boa Vista - RR
2019

Copyright © 2019

Editora da Universidade Federal de Roraima

Todos os direitos reservados ao autor, na forma da Lei.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei n. 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Revisão Ortográfica

Adriana Kerchner da Silva

Projeto Gráfico

Naiara Cardoso da Silva

Diagramação

Naiara Cardoso da Silva

Capa

Raphael Michels

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Central da Universidade Federal de Roraima

D462 Deslocamentos culturais e suas formas de representação /
Organizadoras: Tatiana da Silva Capaverde, Liliam Ramos da
Silva. – Boa Vista : Editora da UFRR, 2019.
371 p.

ISBN: 978-85-8288-195-8

Livro eletrônico (e-book)

1 - Cultura. 2 - Representação cultural. 3 - Deslocamentos
culturais. 4 - Diálogos literários. I - Título. II - Capaverde, Tatiana da
Silva (organizadora). III - Silva, Liliam Ramos da (organizadora)

CDU - 316.722

Ficha Catalográfica elaborada pela: Bibliotecária/Documentalista
Maria de Fátima Andrade Costa - CRB-11/453-AM

A exatidão das informações, conceitos e opiniões é
de exclusiva responsabilidade dos autores

Apresentação

Tatiana da Silva Capaverde (UFRR)
Lilium Ramos da Silva (UFRGS)

*Somos una especie en viaje
No tenemos pertenencias sino equipaje
Vamos con el polen en el viento
Estamos vivos porque estamos en movimiento*

Jorge Drexler

A canção *Movimiento* de Jorge Drexler, que compõe o álbum *Salvavidas de hielo* (2017), trata de forma poética a questão da imigração, corroborando o fato de que o deslocar-se é natural e atemporal: a humanidade sempre esteve em constante movimento, seja por motivos climáticos, seja por motivos políticos. O refrão “*yo no soy de aquí/pero tú tampoco/yo no soy de aquí/pero tú tampoco/de ningún lado del todo/de todos lados un poco*” reforça o pressuposto de que as divisões políticas dos países se dissolvem na afluência de pessoas que vêm se deslocando há mais de 21 séculos de

história – cristã – que todos vivemos em um único espaço que deveria ser compartilhado de forma equânime.

No continente americano, por motivos econômicos, milhares de pessoas historicamente migram (mexicanos para os Estados Unidos, haitianos para República Dominicana) e momentos pontuais de desestabilidade econômica promovem a migração em massa (venezuelanos à América do Sul, centro-americanos aos Estados Unidos), tão frequentes nos últimos tempos. Na relação do trecho *“Nunca estamos quietos/somos trashumantes/somos padres, hijos, nietos y bisnietos de inmigrantes”* à América, recordamos que o processo de conquista e colonização latino-americana proporcionou a criação de um espaço com uma história singular: enquanto a Europa se fortificava com as expedições, descobertas e saqueios, nascia historicamente um continente onde se falam oficialmente línguas europeias, a maioria das pessoas possuem sobrenomes europeus e a organização social segue as convenções estabelecidas no processo de formação deste continente. No entanto, é uma das regiões com maior desigualdade social do mundo e, de acordo com o Panorama Social da América Latina 2018 publicado pela CEPAL, desde 2015 o subcontinente vem acumulando retrocessos no que diz respeito ao direito das trabalhadoras e dos trabalhadores, aumentando as taxas de desemprego e promovendo a informalidade laboral. Em meio a tudo isso, seres humanos vão deixando suas pátrias e migrando para países melhor estabelecidos, repetindo a ação dos imigrantes que também procuravam o lugar dos sonhos. A cultura latino-

americana, portanto, constantemente se reconfigura em seus diversos cruzamentos, por vezes impostos, por vezes autônomos, mas sempre em contato.

A partir do momento em que os países latino-americanos iniciaram suas independências, a questão da identidade cultural passa a ser tema de debates e pesquisas na intelectualidade histórica e ficcional, em um processo intercultural que vem até os dias de hoje com múltiplas possibilidades de definições. Para Ángel Rama (1983), a América Latina teve dois nascimentos no século XIX: o primeiro, em seus primeiros anos, com as independências políticas; e, encaminhando-se para a chegada do século XX, quando o subcontinente presenciou uma profunda metamorfose, chamada pelo intelectual de *período de modernização*. É nesse momento que é conquistada a especialização literária e artística, o que propicia, por esta via, a ascensão dos estratos inferiores em um primeiro esboço de integração nacional (representação do indígena, estereotipação do negro, classificação dos imigrantes em civilização ou barbárie dependendo do país de onde vinham), ao mesmo tempo em que ia se edificando um público culto, modelado pela educação e pelo avanço de pautas culturais urbanas graças ao forte crescimento das cidades. As profundas influências estrangeiras (europeias, sobretudo francesas, mas também estadunidenses) propuseram modelos e incentivaram uma sofisticada produção, oportunizando uma autonomia artística através da revitalização da tradição hispânica, na qual foram inseridas peculiaridades como, por exemplo, a democratização das

formas mediante um uso seletivo do léxico, da sintaxe e da prosódia do espanhol e do português falados na América. Ocorre, portanto, em nível internacional, o reconhecimento de uma singularidade latino-americana, de seus problemas e conflitos nas diversas áreas culturais do continente.

Costuma-se falar em cultura e literatura latino-americana, englobando elementos característicos desse espaço: vivências e crenças dos povos originários, embate cultural com as sociedades europeias e aceitação de uma situação terrificante como o tráfico de escravizados africanos. Para Matos Mar,

Actualmente, América Latina busca definir su identidad cultural, pese a la escisión existente entre Estado y sociedad. Durante la colonia y casi todo el primer siglo de vida independiente, la cultura oficial latinoamericana fue una mera imitación tardía de las corrientes de pensamiento de las metrópolis, primero España y Portugal, luego Francia y Gran-Bretaña. En el presente siglo, la emergencia de las clases populares en la escena social se refleja nitidamente en el pensamiento social y político (1986, p. 50).

Para o antropólogo peruano, a organização social, apesar de fundada em uma estrutura hierárquica rígida, desenvolveu uma racionalidade baseada em redes de intercâmbios generalizados, na prática global de princípios como a reciprocidade, cooperação e complementariedade de bens e de recursos. Aguirre Rojas (2001) apresenta como positiva a característica da América Latina ser relativamente jovem, fato que outorgaria certa vantagem diante de outras civilizações contemporâneas: sua marca cosmopolita

permite a abertura e a recepção das mais diversas influências e tradições, como observa Drexler no trecho “*Cargamos con nuestras guerras/Nuestras canciones de cuna/Nuestro rumbo hecho de versos/De migraciones, de hambrunas*”.

A colonização europeia afetou a cada região de forma distinta em relação ao grau de desenvolvimento atingido e com as características de sua sociedade colonizadora, além da presença de outros povos. Na América Latina de línguas espanhola e portuguesa, a relação *cidade x campo* seguiu o modelo da península ibérica onde os espaços aparecem em oposição. Na primeira metade do século XX, tal relação aparece fortemente nas literaturas: enquanto alguns autores mantiveram o regionalismo como forma de expressão tradicional dos elementos culturais que ali se desenvolviam (países andinos com a questão indígena ou a região caribenha com a questão negra), outros apostaram no desenvolvimento industrial das cidades-capitais como mote de suas narrativas (cidades que receberam grandes quantidades de imigrantes e iniciaram seus processos desenvolvimentistas de progresso, como São Paulo, Cidade do México e Buenos Aires, por exemplo).

O regionalismo cultural vai além do regionalismo geográfico; nesse caso, as fronteiras são outras. Para Afrânio Coutinho (1969), há duas formas de definir regionalismo: a primeira, em sentido mais amplo, aponta que a produção artística é considerada regional quando tem por pano de fundo alguma região particular ou parece medrar desse fundo; a segunda, em sentido restrito, afirma que tal produção não somente tem que ser localizada em uma

região senão deve também retirar sua substância real desse local. A “substância real” envolve um fundo natural (clima, topografia, flora, fauna, etc.) e um fundo cultural (modos peculiares da sociedade humana estabelecida naquela região e que a fizeram diferentes de qualquer outra). A reflexão de Coutinho no século XX dialoga com os conceitos de espaço, território e fronteira culturais tão debatidos atualmente por pesquisadores que pretendem compreender tais encontros que definem o ser latino-americano, marcado pelos deslocamentos geográficos e culturais de sua história.

Seguindo as reflexões do pesquisador Patrick Imbert, Zilá Bernd (2007) afirma que a noção de deslocamento em tempos modernos estava carregada de nostalgia e até mesmo de mal-estar, pois, para o espírito da modernidade, o deslocamento é disfórico se não estiver enquadrado em estruturas fortes. Com a constituição e consolidação dos Estados-Nação no século XIX, a demarcação de fronteiras adquire importância crescente: no caso da América Latina, torna-se fundamental divisar o que é espanhol, francês e português. Dessa forma, delimitar uma cultura para se diferenciar da outra significava imposição de seus métodos políticos, econômicos, religiosos e culturais como forma de assunção de valores e demonstração de poder. Segundo Porto e Torres (2005), é a partir dessa ideologia que a questão da imigração começa a ser tratada como “problema”: no século XX, a imigração passa a ser relacionada “às crises econômicas e conturbações sociais internas de países periféricos, resultantes, em grande medida, da política externa das nações hegemônicas, e do fenômeno do pós-colonialismo” (p. 225).

Já em tempos de pós-modernidade, a euforia se constrói sobre a legitimação do deslocamento: não se trata de negar posse e pertença a um território, mas sim de acrescentar a esses laços o deslocamento:

O que é possível constatar é que, com base no princípio do Movimento, uma série incontável de conceitos se sucedem em tempos de pós-modernidade para tentar analisar a movência de autores, personagens, estilos, passagens temporais, espaciais e discursivas (muitas vezes radicais) que se observam em literatura, todas elas com um sentido positivo, pois se opõem evidentemente ao que é estático, imóvel, fixo, permanente, sólido, inquestionável. Parece que se privilegia, em uma era de natural globalização, tudo o que se move, se desloca e flui (BERND, 2007, p. 89-90).

Para Porto e Torres (2005), o fenômeno da imigração existe desde os tempos mais remotos e ocorre por vários motivos (catástrofes naturais, guerras, conquistas, política), levando comunidades a deslocarem-se e reorganizarem-se socialmente em novas terras. A imigração, suas dinâmicas, causas e consequências políticas e culturais é um dos temas mais discutidos na contemporaneidade, visto que o modelo econômico do capitalismo chegou ao seu limite e os países colonizados vêm reivindicando seus direitos perante os países colonizadores (como imigrantes africanos ingressando na Europa), imperialistas (ondas migratórias de latino-americanos aos Estados Unidos) ou em melhor condição econômica (senegaleses, haitianos, bolivianos, venezuelanos que ingressam no Brasil). Nesse

aspecto, é inegável a atualidade dos estudos sobre a produção cultural de indivíduos e culturas (i)migrantes.

Para a composição do volume *Deslocamentos culturais e suas formas de representação*, trabalharemos com três conceitos importantes dentro do campo semântico de *deslocamento*: diálogos, contato e trânsito. Em *Diálogos literários*, partimos da acepção do termo *dialogar* conforme o dicionário Houaiss: procurar entendimento, acordo; entender-se. Os textos pertencentes a essa seção envolvem deslocamentos verticais (entre regiões latino-americanas) e horizontais (América-Europa). Em *A escrita migrante de J.C. Méndez Guédez: três venezuelanos em Madrid em Árbol de Luna*, Tatiana Capaverde aborda o tema da imigração, do exílio e da viagem como uma poética do deslocamento na narrativa do escritor venezuelano radicado na Espanha Juan Carlos Méndez Guédez. Aimée Bolaños, de origem cubana, professora universitária na cidade de Rio Grande/RS e, atualmente, vivendo no Canadá, traça um paralelo entre viagem e memória em *Memoria del viaje (notas para una autopoética)*, apresentando a problemática das identidades que se constroem e se desconstroem ao transitarem entre histórias, culturas, línguas e imaginários a partir de escrituras derivadas de suas experiências. Neiva Graziadei versa sobre o exílio político no México da escritora e jornalista argentina Tununa Mercado em obra autoficcional em *Exilio, "ese largo paréntesis" en el libro de Tununa Mercado En Estado de Memoria*.

Carlos Rizzon provoca com o título *Já leu João Pinto da Silva?* convocando leitores a conhecer a obra do

crítico literário nascido em Jaguarão/RS que estabelece diálogos não com intelectuais do centro do país ou a partir de referenciais europeus mas sim com pensadores argentinos e uruguaios onde encontra aporte histórico e político para a caracterização gaúcha e fronteiriça da literatura do Rio Grande do Sul, considerada regional, ainda mais se situando distante da capital. Na mesma linha de pensamento, Valterlei Borges de Araújo e Júlio César Suzuki, em *Afirmar é negar: Vitor Ramil, um caso fronteiriço na música popular brasileira* analisam os conceitos de identidade e diferença como construção social a partir de afirmações e negações de linguagem na proposta da estética do frio do *cantautor* sul-rio-grandense Vitor Ramil que, após estadia nos anos 1990 no Rio de Janeiro, retorna às origens sulistas em sua produção cancionística explorando as características climáticas (frio), geográficas (pampa), linguísticas (aproximação do português e do espanhol), musicais (milonga) e culturais (consumo do mate), o que possibilita um diálogo sul-sul contido na ideia de que não estamos longe do centro e, sim, no centro de uma outra história.

Já o termo *contato* (ligação, convívio) é o fio condutor da seção *Línguas em contato*, onde são abordadas as representações identitárias em espaços fronteiriços com foco na linguagem. O contexto da tríplice fronteira do Sul – Argentina, Brasil e Paraguai – é referido nos relatos de experiência na educação básica e na educação superior. Em *Mobilidades e superdiversidade: representações identitárias no contexto escolar transfronteiriço*, Maria Elena Pires Santos e Tatiane Lima de Paiva apresentam

observações sobre a (re)construção de identidades de alunos em situação transfronteiriça em uma escola situada na periferia de Foz do Iguaçu, verificando o ambiente sociolinguisticamente complexo desses contatos. Jorgelina Tallei, em *Una experiencia en las clases de español como lengua adicional en la enseñanza superior: la Universidad Federal de la Integración Latinoamericana (UNILA) desde la frontera* discorre sobre a singularidade da universidade criada em 2010 cujo objetivo é instigar, através da integração plurilíngue e transcultural, uma proposta de ensino que contribua para uma América Latina mais justa, plural, democrática e solidária.

Na atualidade, com o alto número de venezuelanos imigrando para o Brasil, a fronteira Brasil/Venezuela tem seu destaque. Ancelma Barbosa problematiza as relações que brasileiros residentes em Santa Elena de Uairén (VE) estabelecem entre a fronteira geopolítica e as línguas oficiais na reflexão *As línguas nacionais como representações identitárias na fronteira Brasil/Venezuela*. Déborah de Brito Albuquerque Pontes Freitas, atenta aos imigrantes em situação de acolhimento, analisa as *Práticas translíngues e transculturais de refugiados em Roraima*, estado que compõe a tríplice fronteira do Norte do Brasil em conjunto com Venezuela e Guiana e que recebe quantidade expressiva de migrantes brasileiros, além de contar com numerosas comunidades de povos originários, constituindo um povo cuja hibridez se reflete em movimentos culturais vivenciados nas línguas próprias de seus habitantes (línguas indígenas, português, espanhol e inglês guineense, além das variedades regionais do português brasileiro).

Fechando a seção, na fronteira da paz, onde as cidades Santana do Livramento (BR) e Rivera (UY) estão separadas

apenas por uma avenida, Cláudia Eloir Rodrigues Sanches, Sara dos Santos Mota e Valesca Brasil Irala refletem sobre como as línguas e as representações artísticas atuam na construção de espaços identitários na Educação de Jovens e Adultos (EJA) através da produção escrita de contos em *Práticas de (re) territorialização: contos escolares em/sobre um espaço fronteiro*.

Em *Trânsitos Tradutórios*, ao aferirmos o vocábulo *trânsito* – ato de transitar (passar ou andar ao longo, entre ou através de; percorrer); ter boa aceitação em certos meios – identificamos os atravessamentos culturais na literatura traduzida. A pesquisadora Karina Lucena, ao analisar as obras *Respiración artificial* (1980) e *Tradición y traducción* (2011) do argentino Ricardo Piglia, afirma que a literatura traduzida pode assumir um papel determinante na tradição literária local pois aos “escritores recém chegados à cultura letrada o acesso à literatura estrangeira geralmente se dá via tradução” (2018, p. 157). De acordo com Denny Silva-Reis e Liliam Ramos da Silva (2018), e naquilo que nos compete enquanto docentes do ensino superior, as editoras das universidades brasileiras têm um papel importante na circulação de textos acadêmicos no Brasil. Traduções de textos de relevância mundial salientam o comprometimento das universidades na divulgação do pensamento intelectual contemporâneo:

Sob o viés da decolonialidade do poder, do saber e do ser, pode-se dizer que há na América Latina um contínuo pensar da tradução, uma progressiva retradução de valores, experiências e produções que são sempre retextualizados nos Estudos de Tradução e nas práticas de tradução (REIS; SILVA, p. 17).

Nesse sentido, a apresentação da tradução comentada ao português brasileiro do texto *Aforrealismo. Uma nova dimensão da literatura latino-americana* do costarriquenho Quince Duncan por Liliam Ramos da Silva torna-se referência para se pensar em uma nova metodologia com a qual a literatura negra escrita na América Latina passa a ser avaliada. Repensando o conceito de tradução, Digimar Jiménez Agreda em *Los archipiélagos sonoros de José Balza: la escucha del otro y sus imaginarios*, afirma que Balza pertence à estirpe de escritores que cria pensando nos imaginários revelados pela música, em uma profusão de ritmos e idiomas que possibilitam a concepção literária através da tradução intersemiótica chamada pela autora de transcrição acústica.

André Luiz Ramalho Aguiar afirma que a tradução é a chave primordial para resgatar as memórias históricas e sociais que constituem os territórios e propõe apresentar Ciudad del Este como “zonas de traduções” em *Contextos multilíngues e transculturais em Ciudad del Este (PY) vistos pelas óticas de Michael Cronin e Sherry Simon*, no qual utiliza as contribuições teóricas de Michael Cronin e Sherry Simon acerca das cidades em traduções. Ainda com foco na relação cidade-tradução, as professoras da Facultad de Información y Comunicación da Universidad de la República (UDELAR) Mayte Gorrostorrazo e Leticia Lorier na reflexão intitulada *La (no) traducción como muestra de la alteridad* debatem a respeito do processo tradutório das crônicas do uruguaio Álvaro Pérez García (Apegé) sobre a cidade de Montevideu publicadas na Revista Pontis – Prácticas de Traducción, projeto selecionado em 2015 pelo Fondo Concursable para la Cultura do Uruguai.

Trata-se de uma revista bilíngue espanhol-português, digital e gratuita que propõe reflexões sobre o fazer tradutório, contribuindo com a formação de jovens tradutores uruguaios e com a tradução colaborativa entre professores e alunos da UDELAR e da UFRGS.

Por fim, Luciano Passos Moraes traduz *Fora-do-tempo: introdução à poética da pós-história*, do professor do Departamento de Estudos Literários da UQÀM (Québec) Pierre Ouellet, vigoroso texto no qual aborda a perspectiva revolucionária da Literatura, que perturba e tumultua, não suporta a fixidez e o estático, e fortalece a mutação, a mudança, a metamorfose. Nesse sentido, entendemos as escrituras migrantes e as práticas fronteiriças como representações dos deslocamentos culturais, como resultados dos diálogos, dos contatos e dos trânsitos ao promover o *movimento* como fator fundamental na sobrevivência de culturas. Como finaliza Drexler em sua canção, “*Si quieres que algo se muera, déjalo quieto*”.

Referências

AGUIRRE ROJAS, Carlos Antonio. **América Latina**: historia y presente. Morelia: Editorial Jiantáfora, 2001.

BERND, Zilá. Figurações do deslocamento nas literaturas das Américas. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea** [online], 2007. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=323127094008>> Acesso em 25 fev. 2019.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana, 1969. v. 3.

LUCENA, Karina de Castilhos. A tradução como potência para a tradição literária. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 57, n. 1, p. 155-168, mar. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8651702>>. Acesso em: 26 fev. 2019.

MATOS MAR, José. **Cultura y pensamiento en América Latina**. Identidad cultural en América Latina. Paris: UNESCO, 1986.

PORTO, Maria Bernadette; TORRES, Sonia. Literaturas Migrantes. FIGUEIREDO, E (Org.). **Conceitos de Literatura e Cultura**. Rio de Janeiro: EdUFF; Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005. p. 225-260.

RAMA, Angel. **La crítica de la cultura en América Latina**. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1983.

SILVA-REIS, Denny; SILVA, Liliam Ramos da. Horizontes da tradução na América Latina. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 57, n. 1, p. 3-20, mar. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8651959/17734>>. Acesso em: 26 fev. 2019.